

OS (DES)ENCONTROS ENTRE A ESCOLA E AS CULTURAS INFANTIS*

Iêda Oliveira Mota¹

ieda.mota@ifpa.edu.br

Márcio Xavier Bonorino Figueiredo²

bonorinosul@gmail.com

¹Instituto Federal do Pará (IFPA)

²Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)

RESUMO

Caracteriza esta pesquisa como um estudo de caso do tipo etnográfico, na qual utilizamos a observação participante para compreender como as crianças de uma escola pública de Oriximiná-PA dão visibilidade as suas culturas infantis. Os resultados apontaram que as crianças se apropriam de realidades vividas, e pela construção imaginária do contexto de vida criam um outro mundo. Nesse outro mundo elas metamorfoseiam a realidade e ressignificam suas experiências pelo ato de brincar.

PALAVRAS-CHAVE

Culturas Infantis; Brincadeiras; Crianças

INTRODUÇÃO

Estudos mostram que na maioria das escolas a brincadeira é algo menor, inferior, é mero passatempo. Sob o ponto de vista de alguns adultos, o brincar não é importante. As crianças vão à escola para estudar, esse é, portanto, o seu “ofício de criança”, sua prioridade; brincar é secundário. A escola ainda transmite a ideia de que detém um conhecimento considerado “legítimo”, muitas vezes desvalorizando o que vem de “fora”, considerado o “ilegítimo”, de “menor valor”. Como afirma Barbosa (2007, p. 1061), é uma “estratégia de poder que visa legitimar um tipo de conhecimento, considerado legítimo ou oficial, em detrimento de outros, os populares, desqualificando assim outras formas de culturas.



* O presente texto não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.



Entretanto, é por meio das brincadeiras realizadas entre pares e outras gerações que se refletem “as culturas da infância”. Por esse conceito, Sarmiento (2002, p. 53-4), “entende a capacidade em constituírem de forma sistematizada modos de significação do mundo e de ação intencional, que são distintos dos modos adultos de significação e ação.” As culturas infantis se apresentam de forma diferente entre os lugares, pois essa cultura produzida tem uma relação de interdependência com as relações de classe, gênero e etnia. Assim, não há uma forma universal de significados e agir infantil. No entanto, há um elemento comum constitutivo das culturas infantis, quer a criança seja um curumim da Amazônia ou um guri Pelotense, que é o brincar.

Assim, a Sociologia da Infância encontra na proposta de Corsaro (2002) a “reprodução interpretativa”, conceito que reconhece as crianças como atores sociais. Esse autor sinaliza para a ruptura da relação vertical na qual os adultos imprimem suas culturas e saberes nas crianças para uma visão horizontal, na qual elas estão ativamente contribuindo para a produção e a mudança cultural. Desta forma, suas socializações são um processo de apropriação e inovação, não mais somente a reprodução do mundo social. Elas constroem significações individuais e coletivas do mundo em que vivem, destacando-se suas contribuições para a produção e a transformação da sociedade, tanto no grupo de pares como nos grupos com os adultos (CORSARO, 2002; 2005).

São nessas socializações manifestadas nas brincadeiras que as crianças, em seus mundos de fantasias, com seus brinquedos simbólicos se apropriam da realidade fazendo-de-conta serem fazendeiros, proprietários de embarcações, pescadores, donas de casa ou pais de outras crianças. Os saberes da cultura infantil, oriundos da brincadeira livre e descompromissada que a criança estabelece nas relações com seus pares, estão carregados de significados vividos e experimentados num tempo e espaço específicos. Nessa interação entre o meio e as gerações, as crianças vão se constituindo enquanto sujeitos e assim, produzem e reproduzem as suas culturas infantis.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, na qual buscamos compreender como as crianças do 4º ano de uma escola pública de Oriximiná-PA dão visibilidade as suas culturas infantis. Para responder a essa questão, utilizamos o estudo de caso do tipo etnográfico. Conforme Sarmiento (2003, p.152), o estudo de caso do tipo etnográfico, conta “como uma investigação qualitativa, no quadro do paradigma interpretativo, trazendo uma nova dimensão aos estudos qualitativos, os da natureza sociocultural da investigação”. Nesse interim, o estudo de caso etnográfico conta como fontes de evidências a observação direta dos acontecimentos que estão sendo estudados, ou seja, o pesquisador está lá, ao lado dos sujeitos, interagindo com eles e participando até certo ponto de suas experiências.

Para obtenção de dados, utilizamos a observação participante registradas em um diário de campo. A observação participante foi o ponto central da pesquisa, para tanto seguimos as proposições sinalizadas por Graue e Walsh (2003) sobre observação com crianças. Eles pontuam que “um observador participante está lá, não atrás de um ecrã ou de um vidro, mas ao lado das crianças, capaz de ouvir o que está a ser dito, interagindo com elas e partilhando até certo ponto das suas experiências” (2003, p.133). Desta forma, a observação participante nos possibilitou acompanhá-las de perto, nos lugares da escola que elas frequentavam, assim como, suas ações, suas interações e suas brincadeiras. Os dados provenientes das observações foram categorizados e tomados como fio condutor desta escrita.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante o período em campo, percebemos que quando as crianças não estão realizando suas tarefas de estudantes, elas estão brincando. Brincam, correm, pulam, jogam, e ocupam os espaços, que talvez não tenham sido projetados para elas; mas, com o passar do tempo, estes tornaram-se os



“seus lugares” legítimos. Segundo Tuan (1983, p. 06) existem diferenças entre espaço e lugar, “espaço se refere a algo mais abstrato, o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e dotamos de valor.”

Na escola pesquisada, esses espaços se transformam em lugares à medida que as crianças os ocupam e dão sentidos a eles, e este sentido está relacionado ao brincar. Elas ocupam os lugares para brincar, para mostrar seus saberes, suas culturas e para interagir com os seus pares, sem a intervenção de adultos. Nesse “mundo paralelo” das brincadeiras, as crianças vão constituindo sua identidade pessoal e social. É uma aprendizagem interativa, partilhada com os pares e espaços comuns, o que também é observado por Sarmiento (2003).

As crianças ocupavam, especificamente, três lugares na escola para as suas brincadeiras. Neste texto, abordaremos as socializações realizadas no espaço que denominamos “embaixo da caixa d’água”.

O chão de areia, a sombra projetada pelas paredes da escola e pelas árvores do quintal vizinho, as longas “pernas de pau” da estrutura para sustentar a caixa d’água, esse era o local onde os meninos e as meninas menores brincavam, geralmente no horário do recreio. As brincadeiras mais frequentes eram a pira-pegas, esconde-esconde, bandeirinha, boca de forno, polícia e ladrão e as brincadeiras de roda. Lá se misturavam crianças de várias turmas, era um momento em que os irmãos de turmas diferentes se encontravam e que os maiores cuidavam e protegiam os menores nas brincadeiras.

Embaixo da caixa d’água, o jogo simbólico se fazia presente, ou seja, eles podiam fazer-de-conta aquilo que na realidade não era possível, como por exemplo, nas brincadeiras de boca de forno. Muitas das tarefas eram cumpridas pelo simbolismo, uma folha seca representava um abanador, típico daqueles utilizados para abanar o fogo no fogão à lenha. As regras para as brincadeiras que se davam nesse espaço eram estabelecidas pelo grupo, antes ou nos momentos que surgiam os conflitos. As soluções eram encontradas rapidamente, pois o que as crianças queriam era brincar, e como elas mesmas diziam, “na escola não dá tempo”, logo, elas não poderiam perder tempo discutindo.

Era evidente que a escassez de tempo limitava a quantidade das brincadeiras, pois conforme observações, elas socializavam na escola somente uma parte do seu acervo cultural das brincadeiras, aquelas que no nosso entendimento eram as mais rápidas de serem realizadas. Essas socializações entre pares permitem as crianças “se apropriarem, reinventarem e reproduzirem o mundo que as rodeia, [...] essa partilha de tempos, ações, representações e emoções, é necessária para um mais perfeito entendimento do mundo e faz parte do processo de crescimento”, (SARMENTO, 2004, p.14).

A escola, como nos lembra Figueiredo (2009, p. 53), “leva as crianças a controlarem seus desejos, impondo-lhes outros, que nunca é o presente, o agora, mas alguma coisa que acontecerá no futuro, o depois”. Entretanto, as crianças falam e vivem um tempo próximo ou um passado recente, falam das suas brincadeiras, do que farão no recreio, do que aconteceu no dia anterior. É por meio das brincadeiras e dos jogos que as crianças legitimam sua cultura, rompem com os padrões pré-estabelecidos e se fazem presentes como sujeitos ativos em um universo normatizado pelos adultos.

A cultura escolar hegemônica valoriza conhecimentos, comportamentos e atitudes, muitas vezes distantes do espaço da rua, das diferenças culturais, étnicas e sociais do brincar das crianças. Assim, as brincadeiras populares de Oriximiná, integrantes da cultura infantil do povo, não entram na escola. De acordo com nossas observações, essas brincadeiras se distanciam da escola, se limitam às ruas e a outros espaços urbanos. No período de cada brincadeira popular é comum as crianças levarem o objeto (brinquedo) para a escola. Sua utilização só é possível na hora do recreio, pois em outro momento as crianças estão nas aulas formais, estabelecidas pelo currículo escolar. Nossas escolas e nossos professores/as ainda não conseguem engajar e articular em seus projetos de ensino, questões relacionadas às culturas infantis do local, para a defesa de práticas que reconstruam suas experiências, suas histórias e vozes.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

No universo infantil, as brincadeiras e jogos realizadas pelas crianças entre seus pares e outras gerações estão carregadas de significados relacionados ao grupo de pertença, gênero e etnia. Elas se apropriam de realidades vividas, e pela construção imaginária do contexto de vida criam um outro mundo. Nesse outro mundo elas metamorfoseiam a realidade e ressignificam suas experiências pelo ato de brincar. Assim, as crianças da Amazônia em seu mundo de fantasia, com seus brinquedos simbólicos, se apropriam dos galhos, do chão, das folhas, da sua realidade vivida para darem significados as suas brincadeiras.

Dessa forma, as crianças desenvolvem a sua imaginação a partir do que ouvem, veem, interpretam, das suas relações estabelecidas na família, na escola, na comunidade, no cotidiano, experimentado e vivido em tempos e espaços diferentes, e isso lhes permite fantasiar e interpretar novas situações. Compreender e refletir sobre essas práticas e símbolos como manifestação de um modo de ser da cultura local é uma forma da escola ressignificar seus tempos e espaços, considerando a criança como agente social do contexto em que está inserido.

THE (DES) MEETINGS BETWEEN SCHOOL AND CHILDREN'S CULTURES

ABSTRACT

Characterizes this research like a case study of the type ethnographic, where we use participant observation to understand how childrens from a public school of Oriximiná-PA give visibility to their children's culture. The results pointed that children take ownership of lived realities, and by the imaginary construction of the life context creates another world. In this other world they morph the reality and re-signify their experiences by the act of play games.

KEYWORDS: *Children's Cultures; Child's Play; Children.*

(DES) ENCUENTROS ENTRE LA ESCUELA Y LAS CULTURAS INFANTILES

RESUMEN

Caracteriza esta investigación como un estudio de caso del tipo etnográfico, en la cuál utilizamos la observación participante para comprender cómo los niños de una escuela pública de Oriximiná-PA dan su visibilidad sus culturas infantiles. Los resultados apuntaron que los niños se apropia de realidades vividas, y por la construcción imaginaria del contexto de vida crian un otro mundo. En ese otro mundo ellas metamorfoseiam la realidad e ressigifican las' experiencias pelo ato de jugar.

PALABRAS CLAVE: *Culturas Infantiles; Juegos; Los Niños.*



REFERÊNCIAS

- BARBOSA, M. C. S. *Culturas escolares, Culturas de Infância e culturas familiares: As socializações e a escolarização no entretecer destas culturas*. Educ. Soc., Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1059-1083, out. 2007
- CORSARO, W. *A reprodução interpretativa no brincar ao "faz de conta" nas crianças*. Educação, Sociedade & Culturas. Porto, nº 17. Crescer e Aparecer...ou para uma sociologia da infância. P. 113-34. 2002.
- CORSARO, W. *Entrada no campo, aceitação, e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas*. Revista Educação & Sociedade, Campinas, vol. 26, n.91, p. 443-464, maio-ago., 2005.
- FIGUEIREDO, M. X. B. *A corporeidade na escola: brincadeiras, jogos e desenhos*. Pelotas: Editora Universitária – UFPel, 2009, 6ª edição.
- GRUAE, E.; W, D. J. *Investigação etnográfica com crianças: teoria, métodos e técnicas*. Lisboa: Fundação CalousteGulbenkian, 2003.
- SARMENTO, M. J. *Imaginários e culturas da infância*. Cadernos de Educação. Pelotas Fae-UFPel, n. 21, p.51-69, jul/dez.2003.
- SARMENTO, M. J. *As culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade*. In: SARMENTO, M. J.; CERISARA, A. B. Crianças e Miúdos: Perspectivas Sociopedagógicas da Infância e Educação. Porto: Asa, 2004, p. 9-34.
- SARMENTO, M. *Gerações e alteridades: interrogações a partir da sociologia da infância*. Rev. Educação e Sociedade, Campinas, vol.26, n. 91, p.361-78, maio/ago, 2005.
- TUAN, Y. F. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

